

Leitura, textos e hipertextos: como Vannevar Bush adivinhou meu pensamento

Ana Elisa Ribeiro

Professora do Centro Universitário UNA

Professora do Instituto de Educação Continuada da PUC Minas

RESUMO

Este trabalho traça uma breve história da preocupação de pensadores e cientistas com a relação mente/cérebro, as discussões sobre a linguagem, a escrita e a leitura. A relação entre texto e hipertexto é mostrada a partir de estudos europeus e norte-americanos, de forma a refletir sobre os critérios que podem definir o que sejam hipertextos e se eles se diferenciam dos textos tradicionais. São citados alguns modelos de leitura e os objetos de estudo surgidos com o hipertexto.

Palavras-chave: Texto, Hipertexto, modelos de leitura

ABSTRACT

This article shows a brief history of what scientists said about the relation between mind and brain and the discussions about language, writing and reading. The relation between text and hypertext is presented from european and american studies, in the way to discuss the possible criteria to define what is a hypertext and what kind of characteristic makes it differ from the traditional texts. We present some reading models and the study objects emerged from the advent of digital hypertext.



INTRODUÇÃO

Muito antes de existir uma área do conhecimento chamada de Ciência Cognitiva (ou de Ciências Cognitivas, no plural), filósofos e matemáticos já se preocupavam em formular modelos de funcionamento da mente humana. Esses modelos traçavam o que era possível a partir do comportamento externo das pessoas.

No século XIX, vários cientistas da área médica conseguiram estabelecer alguma relação entre o que o cérebro faz (ou deixa de fazer) e o que a mente pensa. De certa forma, eles comprovaram que mente e cérebro andam em sintonia, ao contrário do que pensadores conhecidos formulavam.

Estudar a maneira como o homem pensa sempre esteve relacionado aos estudos da linguagem e, de certa forma, das línguas. Como nosso pensamento acontece? Ele é, desde o começo, feito de palavras? Como as crianças formulam idéias antes de aprenderem a falar? Como elas aprendem tão rápido?

Também sempre foi misterioso o modo como conseguimos ler um texto e a maneira como associamos informações a ele, resultando no que muitos chamam de “interpretação”. O que é compreender um texto? Por que cada um de nós lê de maneira particular o “mesmo texto”?

Como se não bastassem todos esses “problemas”, todos tão sedutores e trabalhosos, emerge o hipertexto, batizado com esse nome por Theodore Nelson nos anos 1940. O que é um hipertexto? Será diferente do texto? Mais complexo? Todo hipertexto está relacionado ao computador? Essas são as questões que inquietam muitos pesquisadores na atualidade e que se somam a tantas outras, ainda não ou mal-respondidas pelos pesquisadores da leitura.

Modos de pensar a leitura, parte I

Até a Idade Média, ler era uma atividade para poucos. Restrita à classe religiosa ou aos homens poderosos e ricos, ler era considerado perigoso quando a fórmula da “decodificação” de obras ia parar em “mãos erradas”. Segundo o historiador Peter Burke, nos retratos de nobres era comum haver livros em cima da mesa, para mostrar que o retratado era culto e sabia ler. Na maior parte das vezes, não sabia, mas os livros eram símbolo de poder e sabedoria. No século XVII, era comum que o livro pintado em cima da mesa fosse *O espírito das leis*, do iluminista Montesquieu. Para quem “lia” o quadro, deveria ficar a impressão de que o retratado era tão iluminado e revolucionário quanto os franceses da iluminação.

Enquanto ricos e padres liam, a população comum deveria se contentar em ouvir as interpretações autorizadas de muitas obras, especialmente da Bíblia. Toda leitura era feita em voz alta, até porque não se sabia outra forma de ler. Os homens participavam de clubes de leitura onde “ruminavam” os textos para melhor compreendê-los.

Até que uma nova técnica de ler emergiu: a leitura silenciosa. Um grande mistério para muitos, esse jeito de ler deixava intrigados alguns homens sábios. Como alguém poderia compreender um texto sem que ele passasse pela voz? Dessa época em diante, aumentou o número de textos pornográficos e heréticos, já que não se podia mais controlar o que cada pessoa lia entre as mãos.

Também a redução do tamanho dos livros e sua composição em papel cada vez mais leve contribuíram para a criação de novos gestos de ler: a leitura em ambientes externos, nas praças, nas ruas. A esse livro pequeno e portátil deu-se o nome de “libelo”, justamente porque ele deixava livre o leitor que antes só podia ler acorrentado a uma mesa.

Mas como é que se lê? Que processos ocorrem na mente humana para que uma série organizada de rabiscos se torne um texto coerente? Como fazemos isso?

Modos de pensar a leitura, parte II

Ao longo do século XX, muitos modelos tentaram explicar o que acontecia quando alguém lia um texto. Para alguns, a leitura ocorria como se o leitor “desempacotasse” todas as informações diretamente do texto. A relação era direta com “o que o autor quis dizer”. Quando leitor não compreendia algo, a culpa era toda dele.

Um outro modelo explicava a leitura pela via inversa. Todos os sentidos possíveis para um texto estavam na mente do leitor. O texto era uma pista aligeirada e quase insignificante diante do potencial que uma mente tinha para desdobrar sentidos. Roland Barthes, pensador francês, escreveu um texto clássico sobre o assunto: “A morte do autor”.

No final da década de 1960, emerge um novo modelo para se pensar a leitura. A ele deu-se o nome de sociointeracionismo. Para os sociointeracionistas, para que haja leitura é preciso haver interação entre leitor e texto. É nesse encontro que a leitura acontece, considerando-se que o texto tenha pistas importantes e que o leitor faça associações um tanto previsíveis, outro tanto, não.

Muitas definições de texto surgiram na esteira desses estudos. Texto como uma sucessão de frases, texto como atividade comunicativa ou como ação social, e ainda o texto

como meio de transmissão de idéias. De qualquer forma, nada disso estava resolvido quando surgiu o hipertexto.

Na década de 1940 do século XX a Segunda Guerra Mundial teve fim e os Estados Unidos emergiram como país rico. Lá, o investimento em pesquisa era grande e os melhores pesquisadores do mundo tinham boas condições para produzir. Foi nesse contexto que surgiram os computadores e as redes virtuais de comunicação à distância.

Nos anos 1980, os computadores pessoais, bem menores que os primeiros inventados, espalharam-se pelo mundo e as pessoas comuns tiveram acesso às calculadoras digitais e aos processadores de texto. A Internet deixou de ser segredo do exército ou exclusividade das universidades para ser a maior rede de comunicação do mundo.

Em 1945, Vannevar Bush, um importante pesquisador americano, escreveu um texto chamado “As we may think” (Como nós pensamos) e nele descreveu uma série de artefatos que a tecnologia da época procurava inventar para facilitar a vida humana. Entre as peças descritas estava uma que simulava o que Bush julgava ser o funcionamento da mente.

Quando dados de qualquer espécie são arquivados, eles são estocados por ordem alfabética ou numérica, e a informação é encontrada (quando o é) pela busca de subclasse por subclasse. (...) A mente humana não funciona assim. Ela opera por associação. Quando um item é acionado, ele busca instantaneamente o próximo que é sugerido pela associação de pensamentos; de acordo com uma rede intrincada de trilhas formadas pelas células do cérebro. Isso tem outras características, claro. Trilhas que não são usadas com frequência tendem a se apagar, os itens não são permanentes, a memória é transitória. (Bush, 1945)

Operar por associação virou sinônimo de fazer links entre um pensamento e outro, uma idéia e outra. E, se no papel isso era complicado, no computador essa rede ficou relativamente fácil de simular. Bush descreveu uma espécie de maquete eletrônica do que ele considerava que nossa mente fazia, e isso pôde ser aplicado à leitura.

Quase 20 anos depois dele, outro norte-americano, Theodore Nelson, descreveu, também em um artigo, um artefato computacional que projetava o que Bush havia imaginado. A isso Nelson deu o nome de hipertexto, na verdade um modelo de texto cheio de associações (Lévy, 1993).

O que dizer então: texto e hipertexto são a mesma coisa? Essa resposta depende muito de uma série de critérios que podem ser adotados total ou parcialmente.

Como encontrar um hipertexto em um palheiro

Considere-se que um texto está escrito em papel, seja manuscrito ou impresso . Se o material ou o ambiente em que ele estiver registrado for um dos critérios, então este não será um hipertexto. Segundo definições amplamente conhecidas e propagadas, o hipertexto deve estar em meio digital. Veja-se, por exemplo:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (Lévy, 1993, p. 33)

Pierre Lévy é, no Brasil, um dos mais conhecidos e citados filósofos do hipertexto e parece ter tirado essa definição de Ted Nelson. Embora ele não explicita o conceito de hipertexto para a informática, ao longo de sua obra são comuns as referências a hipertextos como textos formados por nós (ligados por links) em ambiente digital. Assim como ele, Jean-François Rouet et al. (1996) e outros muito conhecidos também fazem essa oposição.

O historiador Roger Chartier, ao contrário, sequer menciona o termo hipertexto, mas conta uma longa história de como textos não-lineares, também constituídos e organizados pela ligação entre nós ou blocos menores de texto, existem desde muito antes de Vannevar Bush conceber o hipertexto digital. Chartier cita sumários e enciclopédias como obras da hipertextualidade. À medida que desenvolve a história dos textos e de seus formatos, também narra a história do leitor e de seus comportamentos com relação aos artefatos de leitura. Uma história que passa despercebida por nós, que nos esquecemos que aprendemos modos de ler sempre que surge uma tecnologia nova. Para o historiador, hipertextos podem não ser informáticos, mas impressos e tangíveis. Essa idéia nos agrada sobremaneira, mas é necessário frisar que esse é outro critério para que se entenda um objeto como hipertexto.

Se o ambiente não servir para definir e diferenciar textos de hipertextos, então os nós de informação ligados por links servirão. Se o maior critério for a não-linearidade das partes do texto, muitas peças escritas serão hipertextuais há muito tempo. Veja-se o formato de uma revista semanal. Ou o jornal diário. São facilmente considerados hipertextuais. Santaella

(2004), por exemplo, menciona os textos formatados de maneira “mosaíquica” ou, em outras palavras, embaralhados como videoclipes que o leitor pode e deve controlar.

Se cruzarmos vários desses critérios, teremos então mais algumas tantas definições de hipertexto e enxergaremos umas peças escritas como tais, e não outras. Talvez a atitude mais interessante seja assumir um modo de enxergar os hipertextos e não ignorar outras possibilidades.

E a leitura, afinal?

Se o hipertexto foi descrito como um modelo de pensamento, o que os leitores fazem quando lêem? Talvez façam, de fato, o que os hipertextos querem mostrar. Lêem acionando, de maneira muito complexa e muito inteligente, memória, conhecimento novo, língua, percepções, pistas pragmáticas, ambientais, supra-segmentais e tantas outras. A complexidade é tanta que fica fácil perceber que a comunicação é profunda e essencialmente multimídia.

Assim também é com o texto escrito. Quando lemos, não abstraímos as palavras do ambiente em que elas estão. Percebemos o objeto, muitas vezes é necessário que interagimos com ele para termos acesso ao texto.

Para ler um conto, precisamos abrir o livro. Se quisermos um conto específico, teremos, antes, que navegar pelo sumário, achar-lhe a página indicada e procurar folheando até encontrar. Quando encontrarmos o conto, teremos então que iniciar a leitura propriamente dita, mas já contaminada por todas as expectativas que um livro de contos traz, sem contar os valores que se agregam, sociocultural e historicamente, a partir de quem é o autor, que editora lançou o livro, quanto se falou sobre ele, etc. Tudo isso está na leitura.

Além disso, estão lá nossas percepções da diagramação do conto. O tamanho e o tipo da fonte empregada. A cor e a textura do papel. A capa dura ou a margem pequena demais. Tudo isso é lido pelos olhos e pela mente, embora tudo isso pareça transparente. Pois bem, só é transparente quando é bem-feito. O leitor incomodado percebe muito bem o que lhe faz mal aos olhos ou o que lhe exige esforço a mais na leitura.

Todas essas técnicas de tornar a leitura mais fluida foram desenvolvidas por séculos de produção de obras em artefatos de ler. Com o computador não é diferente.

O leitor de textos de tela também faz seus esforços, embora muitos deles estejam, de fato, relacionados ao artefato novo. Apertar botões não era procedimento comum nos livros

de papel. Mas isso não torna o hipertexto profundamente distinto do texto de enciclopédia, por exemplo.

Para ler, a mente precisa acionar, lembrar, inferir, enxergar, associar, conectar, saltar, voltar, deduzir, tentar, construir. Essa construção não acontece sem esforço. Ela é uma atividade que erige sentidos para o leitor, muitas vezes sentidos que reconfiguram tudo o que se pensava sobre algo, como se alterassem o lugar das coisas em nossa cabeça. Talvez essa seja a definição de como acontece o aprendizado.

Preferimos considerar que hipertextos já existissem em papel e que os leitores sempre tivessem sido muito ativos ao ler textos, mesmo quando estavam quietos, lendo na rede, deitados, sem mover os lábios ou acionar a voz. Parece-nos mais confortável considerar que o que o novo leitor de telas deve aprender seja muito mais procedimental do que uma questão de mudança nos processos de leitura.

Se existem certas categorias básicas de ações da mente que lê, imagine-se que todas elas continuem acontecendo normalmente, como as inferências, por exemplo. No entanto, no lugar de folhear páginas amareladas, clicamos com o mouse em uma palavra destacada em azul.

O que o olho e a mente fazem aqui não pode ser tão diverso no papel ou tela ou não pode ser tão substancialmente modificado por esses ambientes. Observe-se o texto a seguir:

imrpsesioantne!!!!

De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma bagunça que você pode ainda ler quase sem problema.

Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo.

Texto que circulou na Internet, anônimo, recebido por e-mail

Conclusão

Ler é prazer. Esse era o slogan de uma campanha do governo brasileiro para incentivar a leitura. Muito provavelmente falava-se da leitura de livros, que parecem ser o artefato mais cheio de valores culturalmente atribuídos. Antes de ser prazer, no entanto, ler é construir compreensões e sentidos a partir das pistas de um texto que pode estar inscrito em

formatos diversos. Se o livro era de papel ou um e-book, a leitura provavelmente continuaria sendo um processo altamente reticular e complexo, além de extremamente veloz.

Antes de ser um prazer, a leitura precisa da chave do idioma, para então ganhar rapidez e daí passar a contar com muitas outras ações. Mais tarde, quando se aprende a admirar o texto (ou o hipertexto) é que a leitura começa a ficar prazerosa. Até determinado estágio, ela parece apenas esforço, enigma, charada. Depois ela passa a ser uma caixa de surpresas. Mais tarde, quando nos encantamos por ela, passa a ser uma rotina, experiência vivida com ímpetos de revolução. Para compreender um texto é preciso construir pontes entre as pistas mais ou menos espaçadas que ele dá. Para fruir a beleza de um texto é preciso atravessar essas pontes com cuidados de botânico ou com as lentes do fotógrafo. Não é fácil assim. E para toda leitura do texto é preciso conjugar o suporte, o ambiente em que o texto está, sem esquecer de que ele mesmo, além do próprio texto, tem uma história e carrega valores. O computador tem lá os seus, diferentes do livro de papel. Todo leitor lê em forma de hipertexto mesmo o que não está construído com links e cliques. Todo texto se converte em hipertexto quando atravessa a barreira dos olhos. Mas é importante saber o quanto os formatos de textos exibem de sentidos e história para ajudar o leitor a processar textos e a compreendê-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Monthly*, July, 1945. In: www.theatlantic.com/doc/194507/bush. Acessado em 2 de dezembro de 2005.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

FERREIRO, Emilia. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. São Paulo: Cortez, 2002.

GARDNER, Howard. *A nova ciência da mente*. São Paulo: Edusp, 1996.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: 34, 1993.

MOWERY, David C.; ROSENBERG, Nathan. *Trajetórias da inovação. A mudança tecnológica nos Estados Unidos da América no século XX*. Trad. Marcelo Knobel. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. (Clássicos da Inovação)

WHITEHEAD, Jim. Orality and hypertext: an interview with Ted Nelson. *Cyberespace Report*, 1996. In: www.ics.uci.edu/~ejw/csr/nelson_pg.html Acessado em 2 de dezembro de 2005.

anadigital@gmail.com